

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE

ESCOLA DA PONTE E AS PEDAGOGIAS DA DOMINAÇÃO E DA LIBERTAÇÃO

Josiane Curty Ferreira

Rio de Janeiro
2013

ESCOLA DA PONTE E AS PEDAGOGIAS DA DOMINAÇÃO E DA LIBERTAÇÃO

Josiane Curty Ferreira

**Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
como requisito parcial para aprovação no curso
técnico de nível médio em Vigilância em Saúde.**

Josiane Curty Ferreira

ESCOLA DA PONTE E AS PEDAGOGIAS DA DOMINAÇÃO E DA LIBERTAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Profa. Filippina Chinelli – EPSJV - Orientadora

Profa. Ana Violeta Durão-Lateps – EPSJV – Co-orientadora

Prof. André Feitosa-Lateps-EPSJV

Prof. Francisco José da Silveira Lobo Neto-Lateps-EPSJV

Aprovado em: 14/01/2014.

Dedico este trabalho a Rodrigo Albuquerque da Silva pela troca de experiências, afeto e companheirismo; a Gislaine Curty Ferreira, pela contribuição para a minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Filippina Chinelli e co-orientadora Anna Violeta pela ajuda na lapidação do projeto e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio por adotar a elaboração de monografias voltadas para alunos do ensino médio, contribuindo para uma formação diferenciada que busca desenvolver a capacidade crítica dos estudantes..

“É por isso que se mandam as crianças á escola: não tanto para que aprendam alguma coisa, mas para que se habituem a estar calmas e sentadas e a cumprir escrupulosamente o que se lhes ordena, de modo que depois não pensem mesmo que têm de por prática as suas ideias.”

(Immanuel Kant)

RESUMO

Com base em vários autores, entre os quais Paulo Freire, este trabalho procura comparar as chamadas pedagogias libertadoras e pedagogias da dominação, estas formadoras de indivíduos passivos, característica hegemônica das escolas públicas e privadas do país.

O trabalho tem como objetivo geral apontar e analisar as diferenças entre as pedagogias da dominação e as pedagogias da libertação, através da literatura que trata da escola da Ponte, localizada em Portugal que adota uma pedagogia libertadora. Como objetivos específicos procura descrever e analisar o projeto político-pedagógico da Escola da Ponte; detectar as influências de pensadores educacionais sobre seu projeto político-pedagógico; e tratar de forma crítica as pedagogias apresentadas.

Palavras-chaves: pedagogia da dominação; pedagogia libertadora; criatividade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. BREVE HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	10
2.1. O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA.....	10
3. DISCREPÂNCIAS ENTRE A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO E DA DOMINAÇÃO	14
3.1. PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO E DA DOMINAÇÃO.....	14
4. APRESENTAÇÃO DA ESCOLA DA PONTE	16
4.1. ESCOLA DA PONTE	16
4.2. CRIATIVIDADE: DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA.....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6. ANEXO. Competências na Educação	25
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1. INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição regulada pelo Estado e tem o objetivo de gerar consenso. Saviani (1989), apoiando-se em Althusser considera a escola um aparelho ideológico que introjeta nos alunos a ideologia das classes dominantes. Nessa perspectiva, a escola produziria indivíduos aptos a se adequarem e a não se rebelarem ao modelo de produção estabelecido (Saviani, 1989). No Brasil é o Estado que estabelece, em diferentes níveis, os conteúdos programáticos a serem ministrados em sala de aula, através, por exemplo, das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹ – LDB –, que constituem o nível mais geral e têm o papel de disciplinar a educação escolar. Os conteúdos são regulados também pelas Resoluções sobre Diretrizes Curriculares dos Conselhos de Educação, que têm a finalidade de promover a equidade de aprendizagem, estabelecendo normas que norteiam o currículo escolar.

Segundo a LDB, o ensino deve ser administrado de acordo com vários princípios, dentre eles encontra-se o “respeito à liberdade”. Porém, consta-se que, na prática, a liberdade dos alunos não é assegurada nas escolas que adotam a pedagogia da dominação, pois eles não são considerados parte integrante do processo educativo. Portanto, na maioria das vezes, eles não participam da tomada de decisões, são privados de sua liberdade. Nessa perspectiva, a escola se constituiria em um espaço de transmissão de conhecimento que teria por objetivo, sobretudo formar indivíduos conformados e capacitados para atuarem no mercado de trabalho. O que se pode constatar é que a instituição de ensino que deveria ser um espaço prazeroso e motivador do crescimento intelectual dos alunos se caracteriza, na verdade, pela desmotivação e desinteresse, tanto dos professores, quanto dos estudantes aos quais são transmitidos conteúdos que não lhes fazem sentido, com pouca ou nenhuma possibilidade de aplicação no cotidiano, sendo, por isto mesmo, facilmente esquecidos (ALVES, 2003). Isso pode ser exemplificado pela letra de música Estudo Errado do *rapper* brasileiro Gabriel, o Pensador:

*“A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil
Em vão, pouco interessantes...
Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio”.*

As pedagogias da dominação estão presentes na maioria das escolas, sendo, por isso mesmo, necessário buscar alternativas, como, por exemplo, a pedagogia da libertação, para se

¹ Lei de Diretrizes e bases da Educação disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>

promover uma educação emancipatória que tenha por objetivo a formação do indivíduo enquanto sujeito.

2. BREVE HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

2.1. O SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA

Segundo Manacorda (1999, p 10), o Egito é o berço comum da cultura e da instrução”. O autor ressalta que o povo egípcio possuía conhecimentos em diversas áreas, como a agricultura, a matemática (geometria, medição de terrenos, criação de números), a astronomia (conhecimento das estações do ano), invenção das letras do alfabeto e a divisão do trabalho.

A educação egípcia prezava essencialmente o domínio da fala, a capacidade do indivíduo articular palavras adequadamente. A obediência também obtinha destaque, unida com a influência da educação na construção da personalidade do indivíduo (MANACORDA, 2006).

Apesar da escrita já existir e ser ensinada, assumia pouco espaço se comparada a fala. Isso se devia ao fato de que ela estava ligada ao registro de aspectos históricos, da administração civil e de atos oficiais, realizados em sua maioria, por peritos. A fala era considerada a “arte do governo”, muito utilizada com a finalidade de convencer multidões (MANACORDA, 2006).

Com a utilização do texto escrito e a aprendizagem mnemônica (baseada na memorização e repetição oral de conteúdos), a escrita ganhou destaque e passou a ser a principal ferramenta de estudo, utilizada inclusive, para formar indivíduos para assumirem tarefas de comando. Por isso mesmo, a profissão de escriba (indivíduo que obtêm o domínio da escrita) era socialmente bastante valorizada (MANACORDA, 2006).

A literatura sapiencial egípcia, caracterizada por apresentar ensinamentos referentes à moral e ao comportamento, ilustra as relações pedagógicas dessa civilização. Essa literatura era marcada pela autoridade do pai, cujo conhecimento era transmitido de pai para filho. Os termos pai e filho, além dos seus sentidos usuais, podiam ter o sentido de mestre e discípulo, respectivamente (MANACORDA, 2006). Cabe acrescentar que não foram encontrados vestígios de ruínas ou prédios escolares dessa civilização, sendo a escola representada por um mestre sentado na esteira com os alunos ao seu redor.

A Educação grega possuía algumas características semelhantes a do Egito, tais como a separação do processo educativo de acordo com a condição social, ou seja, havia uma capacitação do indivíduo para diferentes tarefas: falar, fazer e pensar de acordo com sua classe social. O falar e o pensar eram aprimorados, melhor desenvolvidos e ensinados no ambiente escolar, para os indivíduos das classes mais abastadas. Já o fazer, tarefa destinada à

classe dominada, era apreendida através da vivência (observação e prática) (MANACORDA, 2006).

A Educação grega antiga compreendia a educação homérica e hesiodéica. A primeira estava voltada para a formação de guerreiros. Os ensinamentos se baseavam na iniciação da leitura, escrita, efetuação de contas e atividade física. Essa educação tinha como base a música (tradições) e a ginástica (modo de vida), já que para Platão, estas eram características indispensáveis para a formação de um guerreiro. A segunda diz respeito à instrução sobre a religião, moral e a aquisição de técnicas de governar. Cabe salientar que o desenvolvimento da democracia, possibilitou a ampliação do acesso ao ensino da música e ginástica para as classes dominadas, e a implementação da escrita alfabética para todos (MANACORDA, 2006).

Em Roma, a educação moral, cívica e religiosa tinha suas próprias características, mesmo sendo muito influenciada pela grega. Ela se preocupava com o ensino da alfabetização, gramática, astronomia e ciências. Apenas uma pequena parcela da população romana frequentava a escola, diminuindo ainda mais nos graus de ensino mais elevados, constituindo-se uma educação para privilegiados. (MANACORDA, 2006)

Na Idade Média a educação era um meio para se alcançar a sabedoria, característica muito almejada nesse período, que levaria o homem a felicidade. A educação era dividida em dois campos o filosófico, ligada as questões éticas e a prática, que tinha por finalidade formar o indivíduo para a vida. Al Farabi, um grande pensador mulçumano, dizia que para se alcançar a felicidade deveria-se chegar a razão, aprendendo a ler e a escrever, utilizar a lógica e a filosofia. A religião tinha muita influencia nesse período, devido a isso as crianças eram ensinadas “amar, honrar e ter fé em Deus”. (COSTA, 2003)

Com a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, a escola foi obrigada a se transformar e a se modernizar em termos de conteúdo, já que a revolução tecnológica exigia indivíduos capacitados para o trabalho. Por isso mesmo os conhecimentos científicos ganharam mais destaque do que os conhecimentos clássicos e literários. A burguesia dominante começou a perceber a necessidade de instruir os trabalhadores a fim discipliná-los e a conceder-lhes o mínimo de informação aplicáveis à produção, mas que ao mesmo tempo, não fosse suficiente para que ascendessem enquanto classe. Surgia, assim, a escola dos ricos e a escola dos pobres (HARPER; CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1988).

“Os homens da classe operária têm desde cedo necessidade do trabalho de seus filhos”. Estas crianças precisam adquirir desde cedo conhecimento e, sobretudo, o hábito e a tradição do trabalho penoso a que se destinam. Não podem, portanto, perder tempo nas escolas.

(...) Os filhos da classe erudita, ao contrário, podem dedicar-se a estudar durante muito tempo; têm muita coisa a aprender para alcançar o que se espera deles no futuro (...)

“Concluamos, então, que em todo Estado bem administrado e no qual se dá a devida atenção à educação dos cidadãos, deve haver dois sistemas completos de instrução que não têm nada em comum entre si” (Destutt de Tracy, 1802, apud equipe IDAC (Instituto de Ação Cultural) citado em: Cuidado, escola!, 1988, p. 28).

Quando surgiram os movimentos de operários em torno da luta pela igualdade de direitos, o ensino público gratuito e obrigatório é visto como uma solução para a falta de democratização do acesso à escola.

No Brasil a partir do período pós-independência, a demanda escolar se amplia, mas adquire um caráter dualista, passando a existir escolas para a classe dominante e escolas para o povo. A Escola dualista surge da própria estrutura desigual, excludente da sociedade brasileira e reitera sua exclusão, a medida que fornece dois tipos de educação (ROMANELLI, 1978). A escola para a classe dominante compreendia escolas secundárias e superiores, com alta qualidade de ensino, enquanto a educação para o povo englobava a escola primária e profissional com baixa qualidade.

Ainda hoje no Brasil, os alunos pertencentes às classes sociais desfavorecidas não têm as mesmas condições de acesso e permanência na escola. Entre outras razões, isso se dá principalmente, devido à necessidade de alunos ingressarem no mercado de trabalho para ajudar no sustento da família, constituindo-se em uma das principais causas da evasão escolar (HARPER; CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1988).

A demanda da população pela expansão do ensino, no Brasil, se deu pelo atraso da educação em relação ao desenvolvimento do país. Porém a demanda escolar, que leva a democratização do ensino, pode trazer problemas estruturais à educação no que se refere à qualidade de ensino ofertada, que sofre uma defasagem, pelo número excessivos de alunos e pela reprodução de um sistema tradicional de educação que não corresponde as necessidades econômicas (ROMANELLI, 1978).

Além disso, a democratização do ensino contribui para diminuir preconceitos de toda ordem, pela convivência de alunos de diversos contextos sociais e culturais dentro de um

mesmo espaço. Embora tenha um papel importante para a formação do indivíduo, a diversidade cultural pode produzir estigmatização e preconceito, se a escola não adotar uma perspectiva de respeito às diferenças, desempenhando assim um importante papel de inclusão social.

Os fundamentos pedagógicos que referenciam as práticas de educação são muito importantes para a formação do aluno, a seguir trataremos de dois tipos: a pedagogia da dominação e da libertação contrastando como suas metodologias podem influir no indivíduo.

3. DISCREPÂNCIAS ENTRE A PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO E DA DOMINAÇÃO

3.1 AS PEDAGOGIAS DA LIBERTAÇÃO E DA DOMINAÇÃO

Pedagogia é aqui entendida como a área de estudo que compreende a problemática da educação em sua totalidade ao longo da história, inclusive refletindo sobre e propondo estratégias metodológicas de ensino para se promover a aprendizagem (LIBÂNEO, 2001).

“Ela tem um caráter ao mesmo tempo explicativo, praxiológico e normativo da realidade educativa, pois investiga teoricamente o fenômeno educativo, formula orientações para a prática a partir da própria ação prática e propõe princípios e normas relacionados aos fins e meios da educação que podem ser aplicados em um determinado ambiente, com o intuito de promover a aprendizagem dos envolvidos” (LIBÂNEO, 2001).

O campo pedagógico é um campo de disputas entre diferentes enfoques e de diferentes projetos de sociedade. A pedagogia da libertação, delineada por Paulo Freire (1983), tem como objetivo principal a emancipação do indivíduo através do fomento e desenvolvimento da autonomia, do diálogo e da reflexão do aluno. Rubem Alves (2011), escritor e educador brasileiro, considera as escolas que adotam pedagogias desse cunho como escolas de voo, visto que concedem subsídios para que o aluno crie e pense por si mesmo, estimulando a criatividade e o questionamento crítico, enquanto as escolas que se baseiam em pedagogias similares as da dominação se constituiriam em gaiolas, fora das quais é proibido voar.

Segundo Paulo Freire (1983), a pedagogia da libertação só será essencialmente emancipatória com a reflexão e a participação do aluno, já que sem o seu envolvimento, o processo de libertação se torna inválido porque transforma o indivíduo em objeto e não em sujeito. Essa pedagogia não está ligada à troca de lugar de oprimido para opressor e vice-versa. Mas é um ato de solidariedade e comunhão, porque é por meio do convívio e do diálogo que os indivíduos se educam entre si.

Os conteúdos devem fazer sentido para o aluno. Dentro da perspectiva da pedagogia libertadora: a educação bancária serve como uma forma de se alienar os educandos, fazendo uso da abstração de conteúdos. Conforme Freire (1983) a educação bancária considera o aluno uma conta bancária: o professor deposita em cada aula um conhecimento no aluno e

esse conhecimento vai ser convertido em saldo quando a nota for computada através da aplicação da prova.

O autor pregava os temas geradores, temas que norteiam o desenvolvimento das atividades educativas, como meio para a aquisição da consciência. Esses temas são produzidos a partir da troca entre educador educando (a leitura e problematização da realidade feita pelos alunos e a organização dos dados feita pelo professor), tornando o processo educativo significativo.

Segundo o autor, o papel dos educadores não é falar sobre a sua visão de mundo ou tentar disseminá-la entre os educandos, mas sim dialogar com os estudantes, mostrando as duas perspectivas, preocupando-se se a visão de mundo do educando reflete sua real situação no mundo.

Para se promover essa pedagogia, ele elenca alguns métodos que podem auxiliar na emancipação do indivíduo. Com a apreensão do tema gerador, o profissional de educação, segundo ele, poderia trabalhar com a dramatização, com a leitura de artigos, livros, notícias de jornais, realizando posteriormente debates entorno da leitura e análise do texto, promovendo a problematização de algumas questões como: “Por que razão os jornais se manifestam de forma diferente sobre um mesmo fato?”. Este procedimento teria por objetivo fazer com que os educandos tornem-se sujeitos críticos e não massa de manobra. Montado o projeto, os educadores se encarregariam de expô-los aos educandos, abrindo espaço para que eles manifestassem suas opiniões e sugestões.

A expressão Pedagogia da Dominação foi criada por Paulo Freire e é utilizada para se referir às pedagogias das classes dominantes. Na opinião do autor, essa pedagogia formaria indivíduos acomodados e alienados, destituídos de consciência crítica. Esses indivíduos, inclusive, não se enxergam como seres atuantes, produtores de mudanças na estrutura social capazes de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa (FREIRE, 1970).

Essa pedagogia preza o antidiálogo, baseia-se na memorização, na competição, o que resulta na produção de seres domesticados, desumanizados e descrentes de si mesmos por serem diminuídos inúmeras vezes. Rubem Alves, em seu livro *Pinóquio às avessas* (2010), ilustra a questão da desumanização, contando a história de um menino que ao entrar na instituição de ensino perde aos poucos características como curiosidade, criatividade, e por fim perde a sua essência. Freire também aborda essa questão no livro *Pedagogia do Oprimido* (1983):

“Muitas vezes, os educandos insistem que não existe diferenças entre eles e os animais e, quando reconhecem alguma, é uma vantagem do animal. É mais livre do que nós, dizem” (Freire, 1970).

Freire faz uma análise da pedagogia ligada à antialogicidade, em outras palavras, é a pedagogia dominadora que não estimula o diálogo, a palavra que é considerada pelo autor, um dos instrumentos para se construir a libertação, e afirma que há a necessidade de se promover a conquista, a divisão, manipulação e a invasão cultural para a sua manutenção.

A conquista, diz respeito ao conquistador determinar suas finalidades ao dominado, que passa a ser domínio do dominador. O dominador dissemina a ideia de que o mundo é tal como é, não pode ser mudado, formando assim, indivíduos conformados. A segunda questão que o teórico da pedagogia da libertação enumera é a necessidade de se manter a maioria dividida, facilitando assim seu controle e sua manipulação.

A terceira trata da tentativa das classes dominantes de conformar as classes menos favorecidas, quanto menos instruídas politicamente mais maleáveis, manipuláveis se tornam.

A última se refere à invasão cultural por parte dos invasores que se consideram “superiores”, tratando os invadidos como “inferiores”, promovendo assim a perda da originalidade e a ameaça à cultura invadida.

No caso da Pedagogia Libertária, Freire afirma que ela só será emancipatória com o desenvolvimento da colaboração, da união, da organização e da síntese cultural. Esta última, diferentemente da invasão cultural, é a realidade a ser modificada para a libertação dos indivíduos e é promovida pelo próprio indivíduo.

Entretanto as duas pedagogias apontadas podem servir como instrumento de dominação, à medida que a escola, como já foi citado anteriormente, é um aparelho ideológico, ou seja, ela utiliza uma determinada visão de mundo e a transmitirá para seus alunos, seja ela uma visão emancipatória ou doutrinária.

A Escola da Ponte é um exemplo de instituição de ensino que passou por um processo de transição da pedagogia da dominação para a da libertação. No próximo capítulo aprofundaremos na estrutura da escola, suas metodologias e seu Projeto Político Pedagógico.

4. APRESENTAÇÃO DA ESCOLA DA PONTE

4.1. CRIATIVIDADE: DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA

O desenvolvimento da criatividade nos alunos é um aspecto fundamental do projeto pedagógico da Escola da Ponte. A criatividade é a capacidade de se produzir ideias. Segundo o dicionário Webster² é o processo de fazer, acontecendo por meio do encontro entre “o sujeito, a realidade e o contexto em que se está inserido” (MAY, 1982).

Uma questão importante a ser apontada é a diferença entre talento e criatividade. O talento é algo no qual o indivíduo pode fazer uso dele ou não, ele se realiza em situações determinadas. Por exemplo, Joana tem vocação para o canto. Seu talento será exibido todas as vezes que Joana cantar. Ou seja, talento é a reprodução, a manifestação de uma característica que o indivíduo possui, enquanto a criatividade só existe no ato criativo (MAY, 1982), no momento em que se utiliza a imaginação, ferramenta intrínseca da criatividade: antes de se conceber uma ideia, faz-se uso de uma idealização anterior da mesma.

A criatividade é uma característica inata do indivíduo, ou seja, todo indivíduo é capaz de criar. Porém o ambiente sociocultural é determinante para o desenvolvimento da criatividade, já que seu desenvolvimento vai ser mais acentuado se o indivíduo estiver inserido em um ambiente que propicie a criação.

É de se notar, porém, que a sociedade brasileira praticamente não possui espaços de incentivo à criatividade. As características relacionadas à criatividade, como curiosidade, imaginação e independência de pensamento, não são estimulados no espaço escolar.

A filósofa Viviane Mosé³, em uma de suas palestras compara a escola a uma fábrica. Esta escola produzirá mercadorias (alunos) uniformes, ou seja, indivíduos que compartilham a mesma forma de pensar, sem independência de pensamento e que enxergam o mundo de forma semelhante, legitimando assim o modelo de produção econômica vigente. Rollo May (1982), em seu livro *Coragem de Criar*, defende que a criatividade é resultante de um ato de coragem, pois vivemos em uma sociedade repressora da criatividade, que julga as ideias, desprezando aquelas consideradas “ruins”. Por conseguinte, o indivíduo julgado se sente inibido de expô-las, por medo de ser ridicularizado e não aceito em um determinado grupo social.

² Webster, dicionário online, disponível em: <http://www.websters-online-dictionary.org/>

³ MOSÉ, Viviane. Desafios Contemporâneos: a Educação- disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/2009/12/01/integra-desafios-contemporaneos-a-educacao-viviane-mose/>

A criatividade gera sentimentos de satisfação e prazer que são muito importantes para a manutenção do bem-estar emocional e da saúde mental do indivíduo, quando suas ideias são aprovadas. Além disso, a criatividade é um elemento essencial para o mercado de trabalho, já que são necessários trabalhadores capazes de ultrapassar os imprevistos que surgem no ambiente de trabalho através de soluções criativas.

Apesar de ser uma característica muito importante, a criatividade, atualmente promove uma maior exploração do trabalhador, à medida que o mercado para se manter em pleno funcionamento necessita de indivíduos que criem estratégias para solucionar problemas e para fomentar a produção de lucro constante. No caso das empresas tecnológicas, por exemplo, o trabalhador deve criar novos aparelhos tecnológicos para o mercado, fazendo uso constante de sua criatividade.

Jean Piaget divide as etapas de desenvolvimento infantil em cinco períodos. Dentre eles, destacaremos o período simbólico e o intuitivo. Esse último compreende a fase da maturação da curiosidade, que ocorre entre quatro a sete anos, já o período simbólico é a fase do desenvolvimento da criatividade, presente dos dois aos quatro anos. Podemos, concluir, portanto que a escola não atua diretamente sobre a fase de desenvolvimento da criatividade, já que a criança é matriculada na escola aos sete anos, entretanto atua sobre a fase do desenvolvimento da curiosidade, que é uma das características da personalidade que está atrelada com o desenvolvimento da criatividade.

4.2. A ESCOLA DA PONTE

A Escola da Ponte é uma instituição pública localizada no Distrito do Porto (São Tomé de Negrelos), em Vila das Aves, Portugal, fundada em 1932 e atende alunos até o terceiro ciclo, o que corresponde no Brasil, ao ensino fundamental completo. Qualquer aluno pode se matricular, pois a escola não faz uso de processo seletivo como forma de ingresso. Atende um corpo discente diversificado, compreendendo estudantes violentos, que possuem dificuldade de aprendizagem e que foram rejeitados por outras escolas. Segundo José Pacheco (2013), antigo diretor da instituição, os alunos quando saem da escola da Ponte e se transferem para outra, “ensinam a pesquisar, sabem respeitar a palavra do outro”, ou seja, são reabilitados. Atualmente a escola serve de modelos para muitas outras, inclusive para uma instituição de ensino localizada no município de Cotia, São Paulo, cujo projeto é denominado Âncora.

Anteriormente a escola implementava uma perspectiva pedagógica geradora de passividade, centrada no professor, sem maiores preocupações com as diferenças geradas

pelos contextos sociais e culturais de origem de seus alunos. Ressalte-se que esta preocupação é essencial no que se refere à implementação de práticas educativas que objetivem a inserção social das crianças oriundas de outros contextos culturais.

A partir desse contexto educacional, em 1976, promovem-se mudanças na escola com o intuito de melhorá-la, produzindo o projeto Fazer a Ponte. Esse projeto culmina em meio a um regime ditatorial em Portugal, presente entre os anos de 1926 a 1974, período marcado pela mobilização de professores e estudantes com a finalidade de se transformar a esfera educacional.

O nome do projeto está relacionado à localidade da escola, localizada próxima a uma das pontes da cidade. A denominação tem também um caráter metafórico por se referir à ligação entre duas regiões, promover interação e passar de uma “determinada situação para outra”, ilustrando uma das propostas do projeto que é a de transformação e de democratização do conhecimento (SANTA ROSA, 2008).

A atual metodologia de ensino adotada pela escola é baseada na pedagogia da libertação que tem a finalidade de formar “indivíduos autônomos, solidários e democraticamente comprometidos na construção de um destino coletivo” (Projeto Educativo da Escola da Ponte, 2003).

Paulo Freire⁴ e Célestin Freinet⁵ são alguns dos teóricos que inspiraram o projeto político-pedagógico da Escola da Ponte, pela sua visão contrária ao modelo de educação tradicional. Freire a classificava como alienante e dominadora e defendia que para se alcançar a educação libertadora, a voz deveria ser concedida ao aluno e deveria ocorrer uma partilha, não uma transferência de conhecimentos, assim como ocorre na Escola da Ponte, onde o aluno não é considerado um “sem luz” e o professor não é visto como o dono do saber, sendo ambos agentes na construção do próprio conhecimento (SANTA ROSA, 2008).

Freinet defendia o trabalho e a cooperação na escola, assim como a Escola da Ponte, visto que o conhecimento é construído a partir de uma relação de comunhão, de troca de conhecimentos entre indivíduos. Somado a isso, há também a presença de comunicação e parceria com outras escolas, como o projeto Âncora, produzindo dessa forma vínculo entre pessoas e partilha de experiências, como dissertava Freinet.

⁴ Paulo Freire nasceu em 1921 no Recife. Foi o coordenador do programa de alfabetização que alfabetizou 300 pessoas em um mês. Fundou o método de alfabetização que propunha além do desenvolvimento da leitura da palavra, a leitura do mundo, fazendo com o que o alfabetizando compreendesse sua posição na sociedade, tornando-o consciente de si, na tentativa de fazê-lo reagir de forma ativa à dominação.

⁵ Célestin Freinet nasceu em 1896, no sul da França. Lutou contra a escola tradicional e contribuiu com suas ideias para a construção do movimento escolanovista.

Conforme Santa Rosa (2008), o autor destacava também que para a cidadania ser desenvolvida e o funcionamento da escola ser satisfatório dever-se-ia atribuir responsabilidades aos alunos e aos profissionais de educação, uma comunhão com relação à gestão escolar, feita por todos, ideia adotada pelo projeto da escola da Ponte, como uma forma de solucionar os problemas da escola. Na opinião desta mesma autora, o projeto Fazer a Ponte é semelhante ao projeto Escola do Povo, formulado por Freinet, que buscava atender as necessidades do povo, contestando a educação estabelecida e propondo outra maneira de se educar e formar o homem em sua completude (cidadão, indivíduo), com o compartilhamento de experiências e conhecimentos entre alunos e professores e com o respeito à diversidade. Com base em Anton Makarento⁶, na perspectiva desta instituição, a escola não deve ser a única comprometida com a formação dos alunos, visto que a educação é uma construção histórica e social que deve possibilitar, por exemplo, a participação discente nas assembleias e conceder voz aos pais opinarem sobre sua metodologia de ensino e sua perspectiva pedagógica com objetivo de envolvê-los com a manutenção do projeto.

Diferentemente de escolas que uniformizam o indivíduo, considera-se na Escola da Ponte a peculiaridade de cada aluno e a apreensão individual dos conteúdos, levando em conta que alguns estudantes apresentarão maior facilidade e outros maior dificuldade no processo, como dissertava a Maria Montessori⁷. Para tanto, o currículo é composto por conteúdos de caráter objetivo (metas curriculares) e por conteúdos que visam à formação de disposições subjetivas visando, sobretudo o desenvolvimento da aprendizagem de cada aluno. O currículo abrange áreas do conhecimento como “linguística, lógica, matemática, naturalista (compreende as ciências naturais), o identitário e o artístico”. A escola auxilia na construção da identidade social do aluno, visto que não ignora os conhecimentos afetivos e emocionais. Pelo fato de não separar os alunos em turma, contribui ainda na construção das relações entre os alunos: eles são divididos em grupos de aprendizagem, cuja composição varia de acordo com o conteúdo a ser pesquisado e o grau de afinidade entre os componentes. Na verdade, são eles que decidem a composição de cada grupo, estabelecendo assim relações de cooperação na troca de experiências com o intuito de se construir o conhecimento.

⁶ Anton Semionovich Makarenko nasceu em 1888 na Ucrânia. Seu método revolucionário buscava a disciplina de menores infratores, levando em conta a subjetividade dos alunos.

⁷ Maria Montessori, educadora italiana, nasceu e faleceu respectivamente nos anos de 1870 e 1952. Dedicou-se a educar crianças com necessidades especiais e formulou uma nova educação que deixava em segundo plano a formação intelectual.

Não existem professores tal como tradicionalmente definidos, mas sim orientadores que participam do processo de aquisição e lapidação do conhecimento nos grupos de alunos. Isto significa que na escola da Ponte há um processo de construção de conhecimento e não de transferência, como já citado anteriormente. Os orientadores fornecem aos alunos referências dos materiais que podem ser consultados e estes são avaliados anualmente com o intuito de verificar se estão dentro do perfil pedagógico da escola. O orientador deve identificar as dificuldades dos alunos e, a partir de suas percepções, mudar a prática pedagógica.

A Escola da Ponte possui três núcleos de formação: núcleo de iniciação, de consolidação e aprofundamento. Essa divisão surgiu para atender ao crescimento da instituição. O Núcleo de Iniciação atende crianças entorno de seis a sete anos, que são acompanhadas por dois professores. Nessa fase aprendem a ler, a escrever e a fazer operações matemáticas. Segundo Santa Rosa, nessa etapa os profissionais se valem das experiências cotidianas dos alunos: “as crianças contam oralmente como foi o final de semana, desenham o que contaram; em seguida fazem a legenda dos desenhos... Também trabalham a partir de textos coletivos, explorando a oralidade, o desenho, a escrita e a leitura” (SANTA ROSA, 2008).

Freinet é o principal teórico que a Escola da Ponte utiliza para promover o letramento. Na opinião deste autor, o letramento não é adquirido como o modelo estabelecido pelas escolas de uma maneira geral: “leitura, escrita, tradução gráfica do pensamento”, mas sim “pela palavra, pelo desenho e pela escrita”, depois o entendimento do que é uma frase e em seguida a interpretação do texto completo (SANTA ROSA, 2008).

No 2º ano, o aluno assume a responsabilidade de organizar seu plano quinzenal, que são os objetivos que devem ser seguidos durante 15 dias, tanto em relação ao comportamento, quanto aos conteúdos a serem estudados. O professor tutor é encarregado de estreitar o vínculo escola-família, auxiliar os estudantes a cumprirem os objetivos do plano quinzenal e discutir sobre o rendimento semanal de cada aprendiz. O professor-tutor é responsável por seis ou setes alunos (SANTA ROSA, 2008).

No Núcleo de Consolidação há uma ampliação nos objetivos a serem cumpridos. Os objetivos não ficam restritos apenas aos conteúdos da matemática e língua portuguesa, sendo concluídos através da construção de um projeto. Os alunos se tornam mais autônomos, buscando sozinhos referências bibliográficas, para produzir o próprio conhecimento. O núcleo de aprofundamento é muito parecido com o de Consolidação, porém atende um público majoritariamente adolescente.

As notas, em Portugal são computadas a partir do 5^a e 6^a ano. A Ponte atende as exigências do Ministério da Educação, porém não há a divisão em períodos (1^o trimestre, 2^o trimestre, 3^o trimestre) como em muitas escolas. A nota é fechada no final do ano letivo. Há casos em que alunos não conseguem cumprir seus objetivos e apreender conteúdos, ficando retidos em um determinado período, ou seja, há reprovação na escola, mas por outro lado há alunos que se saem muito bem e passam rapidamente pelos diferentes ciclos (SANTA ROSA, 2008).

Quando a criança diz que já sabe determinado conteúdo, ela é avaliada pelo professor, através de uma ficha com questões ou através de uma conversa, dependendo do objeto de estudo (SANTA ROSA, 2008). John Dewey⁸ é mais um teórico utilizado pela escola da Ponte, por defender o desenvolvimento intelectual do aluno, através da problematização de questões, sem a concessão de respostas prontas.

As diferenças entre a Escola da Ponte e as demais instituições de ensino com relação aos respectivos currículos estão presentes, por exemplo, na liberdade do aluno de decidir quando estudará determinado conteúdo, sem ter que seguir uma ordem cronológica pré-determinada. Outra diferença é que o programa está disponível e os alunos sabem sobre sua origem. Além disso, conforme já se apontou, a escola também não possui séries, turmas, anos, manuais e aulas (VASCONCELLOS, 2006). A escola da Ponte não recebe do Estado equipamentos presentes nas demais escolas como computadores, mesas e cadeiras. Esses objetos são incorporados com o auxílio financeiro dos pais. Como forma de obtenção de renda, além do que é recebido pelo Ministério da Educação, a escola promove cursos e estágios.

A Escola realiza constantes avaliações sobre seu funcionamento e práticas. Todas as sextas-feiras à tarde, alunos organizam a Assembleia, onde se discute o cotidiano escolar, manifestando-se sobre o que consideram adequado ou não, sobre o que gostam ou não na escola. Realizam-se também os Debates, nos quais os alunos avaliam o dia de trabalho, apresentando como foi seu dia de pesquisa e partilham o conhecimento que construíram. Ocorrem ainda as Reuniões de Professores todas as quartas à tarde, nas quais se avalia o projeto da escola e são sugeridas melhorias. Por fim, os alunos procedem à auto-avaliação, através da qual divulgam nos murais que “Eu já sei” e “Preciso de ajuda”, ou seja, manifestam

⁸ John Dewey nasceu em 1859 em Burlington, na América do Norte. Foi um teórico que influenciou vários educadores, no Brasil. Suas ideias tiveram influência sobre a criação da Escola Nova, já que defendia a atividade prática e a democracia.

se estão seguros com o conteúdo aprendido, se podem ser avaliados e se podem ajudar quem ainda está com dificuldade e quem solicita ajuda.

O fato de ser diferente coloca a Escola da Ponte como alvo de críticas das escolas convencionais. Seu projeto também tem sido apropriado de forma distorcida e inspirado políticas educacionais como o aumento da carga horária de trabalho sem o aumento de salário dos professores, para atenderem crianças que não tem condições de ficar em casa depois do término das aulas, o que tem sido objeto de muitas críticas dos docentes portugueses (SANTA ROSA, 2008).

Vasconcellos (2006) elenca algumas críticas de diferentes autores sobre a escola. Eles manifestam-se sobre a viabilidade de reproduzir sua proposta educacional, por tratar-se de uma instituição com apenas 230 alunos, em período integral, realidade que não está presente na maioria das instituições de ensino. Entre educadores brasileiros, há os que afirmam que a escola da Ponte não passa de um modismo, assim como ocorreu com muitas outras escolas. Já entre educadores portugueses há os que fazem críticas à liberdade na seleção dos professores, questionando não só a possibilidade de se fazer uma escolha equivocada, como também se isto seria possível para as demais escolas. Entretanto, na opinião de Vasconcellos (2006), a escolha do professor pela escola é um fato positivo, visto que proporcionaria um engajamento do profissional com o projeto.

Segundo Santa Rosa (2008), nos dias de hoje, a escola tem passado por uma crise, pelo afastamento das pessoas do projeto e pela falta de solidariedade. Uma solução para essa crise seria o desenvolvimento das relações interpessoais e da identificação dos indivíduos com o PPP (Projeto Político Pedagógico). Para a autora, este processo é positivo: a crise tem de ser permanente, pois deve haver um constante questionamento sobre o projeto, visto que nenhum projeto é perfeito. À crise se deve a expansão do projeto, acolhendo professores e alunos que já tiveram uma história educacional, que trazem uma educação despreocupada com o desenvolvimento da cidadania, tornando-se um desafio reeducá-las sob uma perspectiva libertária.

A Escola da Ponte é uma das exceções de modelos educacionais libertários, presentes hoje em dia. Uma escola que se preocupa com a formação da autonomia, da identidade, da tolerância e respeito ao outro. É uma “escola da vida”, segundo seu hino⁹, onde “os livros não são o bastante para a gente ser gente”, onde “é preciso aprender a escrever, mas também a crescer, mas também a sonhar,” onde “estudar também é repartir, também é saber dar. O que a

⁹ Hino da Escola da Ponte disponível em : <http://regispires.wordpress.com/2008/12/27/hino-da-escola-da-ponte-aprender-a-estudar/>

gente souber dividir, para multiplicar” e o mais importante “ é preciso, em vez de um tinteiro, ter uma cabeça que saiba pensar”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pedagogias da dominação estão presentes em diversos contextos educacionais. Por isso, é importante compreender a forma como se estruturam e buscar alternativas pedagógicas que auxiliem na construção de uma sociedade mais justa e na formação que promova o desenvolvimento de um indivíduo enquanto sujeito fomentando a expansão de características como criatividade, imaginação, independência de pensamento e solidariedade que contribuem para a formação de alunos conscientes e críticos da realidade social em que estão inseridos.

Entretanto, as pedagogias da dominação e da libertação podem contribuir, mas não produzem necessariamente indivíduos desumanizados e emancipados. Para exemplificar essa questão, trataremos sobre o período ditatorial brasileiro. Mesmo em um ambiente repressivo onde não havia subsídios para a produção artística crítica, compositores, como, Chico Buarque continuaram criando canções que questionavam o regime, ou seja, o processo de libertação ou dominação parte de uma identificação por parte do indivíduo, o ambiente não é o único fator determinante. Podemos constatar isso também, através de autores que questionam veementemente o modelo tradicional de educação, como Paulo Freire e Celéstine Freinet e que percorreram uma história educacional baseada na repressão e autoritarismo.

Além disso, a Escola da Ponte é mais um exemplo de transformação educacional, assim como muitos outros, liderados por indivíduos que acreditam na educação como ferramenta de mudança.. Porém é importante salientar, que essa mudança não será alcançada apenas com a influencia da escola. É um movimento coletivo que deve envolver não só a escola, mas o indivíduo que se perceba como sujeito participante e consciente no e do processo de mudança e a sociedade como um todo.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda”.

(Paulo Freire)

6. ANEXO

Competências na Educação

Com as transformações no mundo do trabalho introduzidas no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1990, o conhecimento vem sendo considerado muito importante para o modelo de produção capitalista, pois para manter uma acumulação cada vez maior de capital, buscam-se trabalhadores com habilidades e competências que sejam que os capacitem a operar tecnologias cada vez mais sofisticadas. Em decorrência disso, investe-se em reformas e programas educacionais com base na pedagogia das competências que visam à formação de trabalhadores capazes de enfrentarem as mudanças acima apontadas (FERRETTI, 2002).

Nos debates sobre este modelo pedagógico podem ser apontadas duas vertentes: de um lado, os autores que analisam as competências como uma forma de libertação do indivíduo; de outro, aqueles que entendem que as competências, dado o seu conteúdo subjetivo, podem servir de base para a construção de subjetividades dóceis, dominadas, adequadas ao capitalismo contemporâneo. Antes de aprofundarmos estes dois pontos de vista, cabe apresentar o que se entende por competência. Competência, segundo Marise Ramos (2009), é um conceito que apresenta diversas significações.

Competência compreende um conjunto de habilidades e aptidões, como criatividade e imaginação, que possibilitam ao indivíduo o poder de decisão sobre um determinado ofício. Não se trata apenas de conhecimentos de caráter teórico, mas também de habilidades adquiridas ao longo da vida e de disposições subjetivas, consideradas formadoras de um indivíduo capaz de propor e decidir ações. Para Celso Antunes (2013), as competências são o desenvolvimento de recursos mentais que nos ajudam a solucionar problemas.

Em uma perspectiva crítica, pode ser considerada como a base de uma pedagogia voltada para adequação os indivíduos às necessidades do mercado. Ela não está restrita apenas ao ambiente escolar, mas está presente também em diversos contextos em que há troca de experiências e conhecimentos, onde os indivíduos se educam entre si (RAMOS, 2009).

A crítica que se faz à pedagogia das competências é que, por estar tão vinculada com a formação de um indivíduo capaz de utilizar suas habilidades para atuar no ambiente de trabalho, pode contribuir para a maior exploração do trabalhador, porque quanto mais capacitado o indivíduo mais irá produzir, promovendo o aumento da acumulação de capital (FERRETTI, 2002). Outra crítica diz respeito a que o desenvolvimento de competências na escola pode comprometer a transmissão de conhecimentos, o que é verdade, mas elas também dão margem para a construção de outros saberes (PERRENOUD, 1999).

Os autores que defendem a pedagogia das competências, a analisam do ponto de vista do indivíduo, deixando de lado, como essa pedagogia unida com o contexto social pode servir como um instrumento de dominação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALENCAR, Eunice. “Criatividade no contexto educacional: três décadas de pesquisa”. **Psicologia: teoria e pesquisa**, vol.23, n. especial, pp.45-49, 2007.
- ALENCAR, Eunice. “Repressão ao potencial criador”. **Psicologia ciência e profissão**, pp.11-13, 1989.
- ALTHUSSER, LOUIS. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**, São Paulo, Editora Martins Fontes, 2011.
- ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, Papirus, 2011.
- ALVES, Rubem. **Pinóquio às avessas**. São Paulo, Editora Verus, 2010.
- ALVES, Rubem; ANTUNES, Celso. **O aluno, o professor e a escola: uma conversa sobre educação**. São Paulo, Papirus/ 7 Mares, 2011.
- ANTUNES, Celso. **Capacidades, Habilidades e Competências**. São Paulo, Paulus Vídeo, 2013.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo, Moderna, 2006.
- COSTA, Ricardo. **Educação na Idade Média. A busca da sabedoria como caminho para a felicidade: aL-Farabi e Ramon Llull**. Dosssiê História, Educação e Cidadania. Vitória, 2003, p.99-115.
- Dicionário da Educação Profissional em Saúde, 2009, verbete Pedagogia das Competências. <<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/pedcom.html>> Acesso em: 22/04/2013.
- Educar para Crescer <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/john-dewey-307892.shtml>> Acesso em: 22/04/2013.
- Educar para Crescer <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/maria-montessori-307444.shtml>> Acesso: 22/04/2013.
- Educar para Crescer* <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/anton-makarenko-307896.shtml>> 22/04 14 Acesso: 22/04/2013.
- Educar para Crescer* <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/anton-makarenko-307896.shtml>> 22/04 14 Acesso: 22/04/2013.
- Educar para Crescer <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/celestin-freinet-307897.shtml>> Acesso: 22/04/13.
- Educar para de Crescer <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/paulo-freire-300776.shtml>> Acesso: 22/04/13.

FERRETTI, Celso. “Pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?” **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 299-306, dez. 2002.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

HARPER, Babette; CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. Cuidado, escola! **Desigualdade, domesticação e algumas saídas**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.

LEMOS, Luzineide Rodrigues; KOTZ, Deliene. “O trabalho criativo e sua colaboração na alfabetização de crianças”. **Alfabetização e Letramento**, pp.2-12, XXVII Congresso de Educação do Sudoeste Goiano, Universidade Federal de Goiás, novembro de 2013.

LIBANÊO, José Carlos. “Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas”. **Educar em Revista**, pp.1-26, 2001.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo. Ed. Cortez, 2006.

MAY, Rollo. **Coragem de criar**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências é virar as costas aos saberes?** Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade de Genebra, 1999.

Projeto Educativo da Escola da Ponte <http://beta.escoladaponte.com.pt/docs/PEE_2003.pdf> Acesso em 22/03/2013.

ROMANELLI, Otaíza. “Educação e o Desenvolvimento Brasileiro após 1930”. In **História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1978, pp.47-109.

ROVAI, Adriana. Entrevista com José Pacheco, da Escola da Ponte: “O professor deve ser um mediador de conhecimentos”. **Revista Fórum**, 31\07\2013.

SANTA ROSA, Cláudia Sueli R. **Fazer a Ponte para a escola de todos (as)**. Tese de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós Graduação em Educação, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo, Cortez/ Autores Associados, 1989.

Site oficial da Escola da Ponte: <<http://www.escoladaponte.pt/>> Acesso em: 24/06/2013.

VASCONCELLOS, Celso. “Reflexões sobre a Escola da Ponte”. **Revista de Educação AEC**, n. 141 out./dez.2006.